

Reversões da liberdade em servidão: Claude Lefort, leitor de La Boétie

Paul Zawadzki¹

Resumo: Com Miguel Abensour, Claude Lefort faz parte dos raros teóricos da política que reconhecem a importância do *Discurso da servidão voluntária* como um clássico dotado de uma verdadeira potência de inteligibilidade e propõe uma leitura rigorosa da obra em 1977. Segue igualmente seus traços em Camille Desmoulins, Constant, Guizot, Michelet, Quinet... Orwell, mas se dedica sobretudo a submetê-la à prova da experiência histórica. Em primeiro lugar, para contribuir em tornar inteligível o fenômeno totalitário. Visto que o totalitarismo surgiu – segundo Lefort – de uma reversão da democracia, La Boétie é igualmente solicitado para pensar as instituições da própria democracia. A contemporaneidade do enigma explorado por La Boétie se deve ao risco da reversão da liberdade em servidão, que opera sobre o longo percurso da modernidade democrática e conduz especialmente à interrogação sobre os paradoxos dinâmicos das fugas para fora da liberdade, das quais se beneficiam os autoritarismos populistas contemporâneos.

Palavras-chave: Dominação, Servidão, Totalitarismo, Democracia, Sujeito.

REVERSALS OF FREEDOM IN SERVITUDE: CLAUDE LEFORT, READER OF LA BOÉTIE

Abstract: Together with Miguel Abensour, Claude Lefort was one of a rare breed of political theorists who recognised the importance of the *Discourse on Voluntary Servitude* as a classic. He advocated its reading in 1977, in the path of Camille Desmoulins, Constant, Guizot, Michelet, Quinet, and Orwell. However, he was particularly keen to put it to the test of historical experience in order to try to understand the phenomenon of totalitarianism. According to

¹ Universidade de Paris 1 e CNRS.

Lefort, totalitarianism arose from a reversal of democracy, and so La Boétie is used to question the very institution of democracy. The contemporary nature of the question explored by La Boétie is due to the risk of freedom reverting to servitude, which has taken place throughout modern democracy. In particular it questions the dynamic paradox of escaping from freedom, something from which contemporary populist authoritarianism benefits.

Keywords: Domination, Servitude, Totalitarianism, Democracy, Subject.

O *Discurso da servidão voluntária* está longe de ser um texto esquecido², mas é raro que os teóricos da política reconheçam sua importância como um clássico dotado de uma verdadeira potência de inteligibilidade. Claude Lefort, que considerava La Boétie “o pensador mais radical do humanismo político”³, propôs de início uma leitura mais próxima possível do texto, segundo a disposição do acolhimento confessado no *Maquiavel*: “Deve-se estar comprometido com a palavra do autor para poder se deixar *revirar* pela obra e conhecer o efeito de impulso que torna sua presença sensível e ao mesmo tempo nos lança à verdade”⁴.

Esse “enlaçamento com o pensamento do outro”⁵ o conduz a “ouvir atentamente”⁶ uma questão amplamente dissimulada, segundo Miguel

² MAGNIEN, Michel. *Bibliographie des écrivains français*: Étienne de la Boétie. Paris: Éd. Memini, CNRS, 1987.; COCULA-VAILLIÈRES, Anne-Marie. *Étienne de La Boétie et le destin du Discours de la servitude volontaire*. Paris: Garnier, 2019.; LA BOÉTIE, Étienne de. *Le discours de la servitude volontaire*. Saint-Denis: Éditions Bouchène, 2015, traduzido, anotado e comentado em francês contemporâneo por A. Mahé, em cabila por A. Kezzae, em árabe algeriano por H. Berrada, Moustapha Naoui e A. Hamdi-Chérif, e em árabe clássico por Moustapha Safouen.

³ LEFORT, Claude. Foyer du républicanisme. In: _____. *Écrire: à l'épreuve du politique*. Paris: Calmann-Lévy, 1992. p. 200.

⁴ LEFORT, Claude. *Le travail de l'oeuvre Machiavel*. Paris: Gallimard, 1972. p. 55.

⁵ HABIB, Claude. De la servitude volontaire. Une lecture politique. In: HABIB, Claude; MOUCHARD, Claude (dir.). *La démocratie à l'oeuvre: autour de Claude Lefort*. Paris: Esprit, 1993. p. 201.

⁶ LEFORT, Claude. Le nom d'un. In: LA BOÉTIE, Étienne de. *Discours de la servitude volontaire*. Paris: Payot, 1976. p. 250. Texto estabelecido por Pierre Leonard, seguido de *La Boétie et la question du politique*, por Pierre Clastres e Claude Lefort.

Abensour, pela "teoria clássica da dominação", atenta tão somente à "*libido dominandi*" dos príncipes⁷. "*Servidão voluntária: conceito inconcebível*", escreve Lefort na abertura de seu texto de 1976. "Como entender que o senhor procede do escravo" e, sobretudo, que a "relação senhor-escravo" possa ser "interna ao mesmo sujeito?"⁸ Esta é a questão que Lefort faz ressoar a partir de La Boétie, cujo texto opera um deslocamento e um alargamento do olhar teórico sobre a dominação, não se interessando tanto pelo tirano, mas sim pelos povos que tornam a tirania possível. Ele não cessará de seguir seus traços: em Camille Desmoulins, que, sem citá-lo, fala a linguagem de La Boétie⁹; em Constant, Guizot ou Michelet¹⁰; em Quinet, que pergunta ainda, em *A Revolução*, se "a servidão é [...] menor por ser voluntária"¹¹, ou indicando as vias pelas quais os intelectuais chegam até a "renunciar a pensar"¹²; em Orwell, certamente: Winston "não apenas cai na armadilha que outro armou para ele; é antes sua própria vítima, é pego em sua própria armadilha"¹³.

⁷ ABENSOUR, Miguel. Du bon usage de l'hypothèse de la servitude volontaire? In: LABELLE, Gilles. *La Boétie: prophète de la liberté*. Paris: Sens & Tonka, 2018. p. 25. Ver LEFORT, Claude. De la démocratie: entretien avec Gérard Rabinovich. *Traces*, n. 7, p. 16, 1983: "Evidentemente, dirá Lefort, todas as interpretações que partem de uma maquinação do partido bolchevique para dar conta da instauração do totalitarismo na URSS são sumárias. Há um movimento que vem do alto e outro que vem de baixo".

⁸ LEFORT, Claude. Le nom d'un. In: LA BOÉTIE, Étienne de. *Discours de la servitude volontaire*. Paris: Payot, 1976. p. 247.

⁹ LEFORT, Claude. La terre révolutionnaire. In: _____. *Essais sur le politique: XIXe-XXe siècles*. Paris: Points, 2001. p. 103.

¹⁰ LEFORT, Claude. La croyance en politique. La question de la servitude volontaire. In: _____. *Le temps présent: écrits (1945-2000)*. Paris: Éditions Belin, 2000. p. 904-905.

¹¹ LEFORT, Claude. Philosophe? In: _____. *Écrire: à l'épreuve du politique*. Paris: Calmann-Lévy, 1992. p. 343.; QUINET, Edgar. *La Révolution*. Paris: Belin, 2009 (1987). Cap. II, p. 982. Tome 2, Livre 24.

¹² QUINET, Edgar. *La Révolution*. Paris: Belin, 2009 (1987). Cap. II, p. 982. Tomo 2, Livro 24. Cap. III, p. 983.; LEFORT, Claude. Le refus de penser le totalitarisme. In: _____. *Le temps présent: écrits (1945-2000)*. Paris: Éditions Belin, 2000.; LEFORT, Claude. La croyance en politique. La question de la servitude volontaire. In: _____. *Le temps présent: écrits (1945-2000)*. Paris: Éditions Belin, 2000. p. 973.

¹³ LEFORT, Claude. Le corps interposé. 1984 de George Orwell. In: _____. *Écrire: à l'épreuve du politique*. Paris: Calmann-Lévy, 1992. p. 29.

Se Lefort “restabelece o *Discurso* em seu movimento original”¹⁴, logo ele não se limita à leitura fechada do texto. Para além da restituição compreensiva do *Discurso* e de sua fecundidade no pensamento político, ele confronta seu paradigma com a experiência histórica, atribuindo-lhe uma importância capital para a inteligibilidade do totalitarismo¹⁵.

Ao solicitar o *Discurso* para analisar o totalitarismo, faz dele, *in fine*, um ponto de apoio para pensar o futuro da democracia moderna. Primeiro porque o totalitarismo surge de uma reviravolta da democracia e só se esclarece à condição de apreender a relação que mantém com ela¹⁶. Em seguida, e sobretudo, porque o risco da reversão da liberdade em servidão trabalha no longo decurso da modernidade democrática. Daí vem a contemporaneidade do enigma levantado por La Boétie.

Com Clastres e contra Clastres

Ao conjugar as qualidades da raposa e do ouriço, segundo a expressão de Isaiah Berlin, a obra de Lefort se desdobra em planos que raramente podemos ver reunidos em um só e mesmo autor. Nela se associam principalmente a filosofia política e as ciências sociais. Sua visada certamente não foi a da ciência e a da sociologia positivistas¹⁷, o que não o impediria de avançar: “Uma interrogação sobre a história, sobre a sociedade, que não assumisse a tarefa de interpretar os dados dispostos

¹⁴ BOULET, Michaël. Claude Lefort, lecteur de La Boétie. In: GERBIER, Laurent (dir.). *Cahiers La Boétie*, Paris: Garnier, n. 3, p. 117, 2013.

¹⁵ Foi durante o mesmo ano de 1976 que Lefort publicou *Un homme en trop: réflexions sur l'Archipel du Golulag*, Paris, Seuil, reeditado pela Belin, em 2015, com prefácio de Pierre Pachet. Cf. ABENSOUR, Miguel. Hannah Arendt: la critique du totalitarisme et la servitude volontaire? In: ENRIQUEZ, Eugène (dir.). *Le goût de l'altérité*. Paris: Desclée de Brouwer, 1999. p. 31.

¹⁶ LEFORT, Claude. L'image du corps et le totalitarisme. In: _____. *L'invention démocratique: les limites de la domination totalitaire*. Paris: Fayard, 1983. p. 178.

¹⁷ Ver prefácio em LEFORT, Claude. *Essais sur le politique: XIXe-XXe siècles*. Paris: Points, 2001. p. 8.

pela ciência, não abriria para si um caminho. A filosofia se extingue quando não vive mais em contato com essa tarefa"¹⁸.

O diálogo com Clastres foi tão importante que Lefort se inspirou fortemente na literatura etnológica para questionar os princípios da filosofia da história hegeliana ou marxista. Insatisfeito com o tratamento evolucionista e estruturalista do estatuto do poder, ele compartilha com o autor de *A sociedade contra o Estado* "a convicção que se deve restabelecer o primado do político para interrogar a história"¹⁹ e, portanto, reconhecer a historicidade de todas as sociedades:

Compreender como a sociedade primitiva se fecha para o futuro, transforma-se sem ter consciência de se transformar e, de algum modo, se constitui em função de sua reprodução. Em suma, deveríamos procurar que gênero de historicidade a sociedade estagnante revela (designando, com esse conceito, a relação geral que os homens mantêm com o passado e com o futuro)²⁰.

Para Clastres, todavia, não é tanto a recusa da história quanto a de um poder dissociado da comunidade que é feita pela sociedade primitiva²¹. É pelo menos este o desafio da antropologia política que constitui o coração da interpretação clastriana de La Boétie e é ele que suscita "as reticências" profundas de Lefort²². Se as divergências dizem respeito ao *Discurso*, elas envolvem mais amplamente uma compreensão da modernidade política. Lembremos aqui que o primeiro mérito de La Boétie, segundo Clastres, é o de ter aberto "uma brecha na convicção geral de que não se saberia pensar a sociedade sem a divisão entre dominantes

¹⁸ LEFORT, Claude. *Les formes de l'histoire: essais d'anthropologie politique*. Paris: Gallimard, 2000. p. 12.

¹⁹ LEFORT, Claude. Pierre Clastres. *Libre*, n. 4, p. 52, 1978.

²⁰ LEFORT, Claude. Société "sans histoire" et historicité. In: _____. *Les formes de l'histoire: essais d'anthropologie politique*. Paris: Gallimard, 2000. p. 64-65.

²¹ "Uma sociedade é primitiva se lhe falta o rei como fonte legítima da lei, ou seja, a máquina estatal. Inversamente, toda sociedade não primitiva é uma sociedade estatal", em CLASTRES, Pierre. *La société contre l'État*. Paris: Minuit, 1974. p. 175.

²² Ver "L'oeuvre de Clastres", em ABENSOUR, Miguel (dir.). *L'esprit des lois sauvages: Pierre Clastres ou une nouvelle anthropologie politique*. Paris: Seuil, 1987. p. 203.

e dominados" para dizer "outra coisa possível"²³. Na origem do enigma, uma ruptura que La Boétie havia captado da seguinte maneira: "Que mau encontro foi este, que pôde desnaturar tanto o homem, o único nascido para viver francamente, e fazê-lo perder a lembrança de seu primeiro ser e o desejo de recuperá-lo"²⁴.

Mau encontro, comenta Clastres, "acidente trágico, má sorte inaugural cujos efeitos não cessam de se amplificar a ponto de ser abolida a memória do antes, a ponto de o amor da servidão substituir o desejo de liberdade". Qual é, pois, esse acontecimento terrível, mas não necessário? De acordo com ele, "o que é designado aqui é o momento histórico do nascimento da História, essa ruptura fatal que nunca deveria ter se produzido, esse acontecimento irracional que nós, modernos, chamamos, de modo semelhante, de nascimento do Estado"²⁵.

Esse homem, esquecido de sua liberdade nativa, desnaturado, nesse sentido não é, pois, senão o homem das sociedades com Estado. Eis o porquê de Clastres ver em La Boétie "o fundador desconhecido da antropologia do homem moderno, do homem das sociedades divididas. Ele antecipa, há mais de três séculos de distância, o empreendimento de Nietzsche – mas também o de Marx – de pensar a degradação e a alienação"²⁶.

Ora, Lefort recusa quatro proposições que encontra em Clastres e que desenham como o avesso de sua própria filosofia política: aquela em que os regimes das sociedades de Estado se distinguem pelo único grau de opressão exercida ou pela intensidade da servidão; aquela em que os efeitos do mau encontro "não cessam de amplificar-se"; aquela em que a natureza do Estado se resume ao exercício da coerção; e, enfim,

²³ Ver "Liberté, malencontre, innommable", em LA BOÉTIE, Étienne de. *Le discours de la servitude volontaire*. Saint-Denis: Éditions Bouchène, 2015. p. 230.

²⁴ LA BOÉTIE, Étienne de. *Discours de la servitude volontaire*. Paris: Payot, 1976. p. 122. Texto estabelecido por Pierre Leonard, seguido de CLASTRES, Pierre; LEFORT, Claude. *La Boétie et la question du politique*. Paris: Payot, 1976.

²⁵ "Liberté, malencontre, innommable", em LA BOÉTIE, Étienne de. *Le discours de la servitude volontaire*. Saint-Denis: Éditions Bouchène, 2015. p. 231.

²⁶ *Ibidem*, p. 236.

aquela em que a vida social, em qualquer lugar em que houver Estado, está inteiramente sob seu controle²⁷.

Provavelmente, ele também não aceitaria considerar que La Boétie se detém na “grande recusa, que força a pensar a liberdade contra o poder”²⁸. Lefort recusa a visão da história²⁹ e as teorias políticas que reduzem toda forma de Estado à do Estado policial consagrado à sujeição do indivíduo. Daí vem seu ceticismo em relação a uma perspectiva que divide a história humana entre “a era da liberdade e a era da servidão”³⁰. O pensador da *sociedade contra o Estado* e o teórico da revolução democrática divergem sobre La Boétie na exata medida em que não poderiam se aproximar na compreensão da modernidade política.

Mas nem um nem outro, espantosamente, se detém na segunda formulação da questão posta por La Boétie, que, contudo, estabelece a distinção entre *obedecer* e *servir*: “Que mal é esse? Que vício, ou antes, que vício infeliz ver um número infinito de pessoas não obedecerem, mas servirem; não serem governadas, mas tiranizadas [...]”³¹.

²⁷ “L'oeuvre de Clastres”, em ABENSOUR, Miguel (dir.). *L'esprit des lois sauvages*: Pierre Clastres ou une nouvelle anthropologie politique. Paris: Seuil, 1987. p. 195.

²⁸ “Présentation”, em LA BOÉTIE, Étienne de. *Le discours de la servitude volontaire*. Saint-Denis: Éditions Bouchène, 2015. p. XXIX.

²⁹ Em *Entretien avec l'Anti-Mythes* (Paris: Sens & Tonka, 2012, p. 56-57), Clastres conjecturava: “Cada vez mais iremos na direção de formas autoritárias de Estado [...] A máquina estatal vai desembocar em uma espécie de fascismo, não um fascismo de partido, mas um fascismo interno”. Lembremos a polêmica publicada pela *Revue Française de Science Politique*, n. 1, p. 5-21, 1977, entre Pierre Clastres e o (futuro) teórico do Estado, Pierre Birnbaum: “Sobre as origens da dominação política: a propósito de Étienne de la Boétie e Pierre Clastres”, reproduzida em BIRNBAUM, Pierre. *Dimension du pouvoir*. Paris: PUF, 1984, p. 77-94, seguida da resposta de Clastres, “Le retour des Lumières”, (p. 22-28) e da resposta de Pierre Birnbaum (p. 28-29), que se apoia em LEFORT, Claude, *Un homme en trop. Réflexions sur l'Archipel du Golulag*, Paris: Seuil, 1976, contra Clastres.

³⁰ Ver “L'oeuvre de Clastres”, em ABENSOUR, Miguel (dir.). *L'esprit des lois sauvages*: Pierre Clastres ou une nouvelle anthropologie politique. Paris: Seuil, 1987. p. 193.

³¹ LA BOÉTIE, Étienne de. *Le discours de la servitude volontaire*. Saint-Denis: Éditions Bouchène, 2015. p. 106-107.

O problema que se esboça aqui não é tanto a obediência em geral (governo), mas o limite para além do qual esta se corrompe em servidão (tirania). A questão se põe tanto com maior acuidade quanto a consciência histórica indissociável da democracia (relativismo, culturalismo, crítica do etnocentrismo) borra a compreensão desse limite. O *Leviathan* oferece uma filosofia política da servidão? Clastres se inclinaria tanto mais a favor dessa tese quanto sua teoria da guerra nas sociedades primitivas deságua em um *Contra Hobbes*³². Garantimos que Lefort, atento à centralidade dos direitos do homem, compartilharia mais o ponto de vista de Yves Zarka, para quem “essa obra é a que funda, pela primeira vez, a ideia da inalienabilidade dos direitos dos indivíduos, e pensa a relação de poder em termos distintos dos da dominação ou da propriedade”³³.

Todos Uns versus “Fantasma do Um”

Como um eco ao respeito dos textos, de sua respiração assim como de seu questionamento, encontramos em Lefort um olhar dirigido à variação das *formas das sociedades* – dos *regimes* no tempo e, mais amplamente, sem dúvida, uma atenção escrupulosa à *experiência*³⁴. O regime democrático não é nem o regime monárquico nem o totalitário. Precisamente porque “recusa abandonar a história pela filosofia”³⁵, Lefort toma o cuidado de distinguir poder *arbitrário* e poder regido por leis, pessoal e impessoal, “incorporado na pessoa de um senhor ou

³² Ver “Le Contre Hobbes de Pierre Clastres”, em ABENSOUR, Miguel (dir.). *L'esprit des lois sauvages*: Pierre Clastres ou une nouvelle anthropologie politique. Paris: Seuil, 1987.

³³ ZARKA, Yves Charles. L'interprétation entre passé et présent. *Le Débat*, n. 96, v. 4, 1997 [Dossiê consagrado ao debate de Amsterdam com Q. Skinner]; mais amplamente, “Le droit de résistance. Althusius, Grotius et Hobbes” (1995), em ZARKA, Yves Charles. *L'autre voie de la subjectivité*. Paris: Beauchesne, 2000. p. 110-132.

³⁴ Que Myriam d'Allones vincula a sua orientação fenomenológica, “Le concept de totalitarisme est-il encore pertinent?”, selecionado por M. Foessel e J. Lacroix, em *Esprit*, n. 1, jan.-fev. 2019.

³⁵ OZOUF, Mona. Le chemin de ronde de Claude Lefort. *Le Nouvel Observateur*, p. 76, 11-17 juil. 1986.

de um grupo" ou, então, "subtraído à apropriação dos depositários da autoridade"³⁶. Muitos argumentos fazem da incorporação o ponto-chave no qual se encontram e se alimentam mutuamente leitura de La Boétie e compreensão do totalitarismo.

Uma década após a queda do muro de Berlim, retornando às interpretações do comunismo, Lefort se apoia em uma passagem, sugerindo que "os homens são presos no fantasma de um corpo do qual eles seriam os membros"³⁷. A imagem da corrente de servidão já havia sido evocada em 1943 por Aron como um dos elementos da técnica totalitária³⁸. Mas onde este último encontrava em La Boétie um esquema que permitia apreender a *realidade* de um sistema de promoção e renovação das elites, Lefort retém daquela imagem de La Boétie principalmente a dimensão *imaginária* e *simbólica*, a da *identificação* com o poderoso³⁹. A tirania atravessa a sociedade de parte a parte, lá onde todos estão como "encantados e fascinados pelo único nome de Um"⁴⁰. Quanto mais a experiência se alonga no tempo, mais permanece perturbador ver a que ponto o século XX foi o da sedução dos tiranos⁴¹, cujos nomes, transformados em "ismos", tornaram-se objetos de adoração. Na compreensão de Lefort, o "fantasma do Um" é o de cada tiranete, o que permite *in fine* compreender que "a servidão de todos é ligada ao desejo

³⁶ Ver "L'oeuvre de Clastres", em ABENSOUR, Miguel (dir.). *L'esprit des lois sauvages: Pierre Clastres ou une nouvelle anthropologie politique*. Paris: Seuil, 1987. p. 194.

³⁷ LEFORT, Claude. *La complication: retour sur le communisme*. Paris: Fayard, 1999. p. 226. Ele se apoia aqui em LA BOÉTIE, Étienne de. *Le discours de la servitude volontaire*. Saint-Denis: Éditions Bouchène, 2015. p. 115.

³⁸ Ver "Du renouvellement des élites" (1943), em ARON, Raymond. *Chroniques de guerre: la France libre, 1940-1945*. Paris: Gallimard, 1990. p. 788.

³⁹ LEFORT, Claude. *La complication: retour sur le communisme*. Paris: Fayard, 1999. p. 226.

⁴⁰ LA BOÉTIE, Étienne de. *Le discours de la servitude volontaire*. Saint-Denis: Éditions Bouchène, 2015. p. 105.

⁴¹ Sobre a dimensão amorosa da identificação, ver ENRIQUEZ, Eugène. *De la horde à l'État: essai de psychanalyse du lien social*. Paris: Gallimard, 1983. p. 75 e seguintes.

de cada um de levar o nome de Um diante do outro"⁴². O nome amado do tirano "torna-se aquele ao qual todos ficam suspensos sob pena de não ser nada"⁴³. Assim, entende-se melhor a tão impressionante expressão de La Boétie a propósito do povo que parece cair no esquecimento de sua liberdade: "que se diria, ao vê-lo, que não perdeu sua liberdade, mas ganhou sua servidão"⁴⁴. Haveria um ganho na servidão? Ganho material, sem dúvida, para aqueles que partilham as "pilhagens" do tirano⁴⁵, mas também afetivo, simbólico, imaginário... que está vinculado ao "narcisismo social"⁴⁶ alimentado pela identificação com o poder.

É também a questão da incorporação que estabelece a distinção entre o totalitarismo e a democracia. A inteligibilidade histórica que Lefort propõe sobre isso conjuga Tocqueville e Kantorowicz: "A revolução democrática, subterrânea durante muito tempo, explode quando o corpo do rei é destruído, quando cai a cabeça do corpo político, quando, de uma só vez, a corporeidade do social se dissolve"⁴⁷.

Essa *desincorporação do indivíduo* se efetua principalmente no movimento da retirada da sociedade civil do Estado, em outras palavras, por meio da afirmação conjunta do Estado e do indivíduo. A teoria lefortiana

⁴² ENRIQUEZ, Eugène. *De la horde à l'État: essai de psychanalyse du lien social*. Paris: Gallimard, 1983. p. 301.

⁴³ LEFORT, Claude. Le nom d'un. In: LA BOÉTIE, Étienne de. *Discours de la servitude volontaire*. Paris: Payot, 1976. p. 274.

⁴⁴ LA BOÉTIE, Étienne de. *Le discours de la servitude volontaire*. Saint-Denis: Éditions Bouchène, 2015. p. 125.

⁴⁵ Com frequência se exagera a dimensão material dos privilégios. Um estudo da Associação dos Detentos Políticos da Romênia assinala que somente 1,5% dos 600 mil indicadores da *Securitate* eram remunerados. Cf. "Doina Cornea dans le miroir de la Securitate", *Le Monde*, 8 de outubro de 2002. Em contrapartida, é esquecido que, por exemplo, na Polônia comunista, na metade dos anos 1970, um terço dos homens era diretor de alguma coisa, mesmo que fosse de um clube de pesca; para isto, ver: KULA, Marcin. *Narodowe i rewolucyjne*. Varsovie: Bibl. Więzi / "Aneks", 1991. p. 101.

⁴⁶ KULA, Marcin. *Narodowe i rewolucyjne*. Varsovie: Bibl. Więzi / "Aneks", 1991. p. 274.

⁴⁷ LEFORT, Claude. L'image du corps et le totalitarisme. In: _____. *L'invention démocratique: les limites de la domination totalitaire*. Paris: Fayard, 1983. p. 179.

da mutação democrática, pela qual o lugar do poder torna-se um lugar vazio, é suficientemente conhecida para que seja necessário voltar a ela. Produto de uma reversão teológico-política⁴⁸, a democracia trabalha no “desenredamento que se opera entre a instância do poder, a instância da lei e a instância do saber”⁴⁹. Como reação, a dinâmica totalitária se esforça para recompor o Um e reunificar aquilo que as diferenciações modernas haviam separado. Surgido do interior e contra a modernidade democrática, o totalitarismo assim “refaz, portanto, o corpo”⁵⁰ pela desdiferenciação entre o Estado e a sociedade civil, levando mais longe, de maneira inédita, a recusa desse “desenredamento”. Enquanto se considerava que o príncipe medieval devia obedecer a um poder superior, o *Egócrata* não tem mais nada acima de si⁵¹.

Ligado à imagem do corpo, há um ponto nodal para o qual convergem leitura lefortiana de La Boétie e teoria da democracia, ou seja, a questão da pluralidade e do conflito (divisão) que Lefort já havia elaborado amplamente em seu trabalho sobre Maquiavel⁵². À verticalidade da cadeia de tirania que permite, segundo Lefort, pensar os fundamentos do poder do Um, La Boétie opõe o esquema horizontal da amizade política, que pressupõe a igualdade, o conhecimento, o entreconhecimento e o reconhecimento:

⁴⁸ LEFORT, Claude. La dissolution des repères et l'enjeu démocratique. In: _____. *Le temps présent: écrits (1945-2000)*. Paris: Éditions Belin, 2000. p. 560.

⁴⁹ LEFORT, Claude. L'image du corps et le totalitarisme. In: _____. *L'invention démocratique: les limites de la domination totalitaire*. Paris: Fayard, 1983. p. 180.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 183.

⁵¹ Em LEFORT, Claude. *Un homme en trop. Réflexions sur l'Archipel du Golulag*, Paris: Seuil, 1976, p. 85-86: “Stalin reina apenas [...] sob os traços de um indivíduo no qual se realiza, fantasticamente, a unidade de uma sociedade puramente humana. Com ele se institui o espelho perfeito do UM. Isto é o que é sugerido pela palavra Egócrata: não um senhor que governa sozinho, livre das leis, mas aquele que concentra em sua pessoa o poder social e, nesse sentido, aparece (e aparece para si) como se não houvesse nada fora dele, como se ele tivesse absorvido à substância da sociedade, como se, como Ego absoluto, ele pudesse indefinidamente dilatar-se sem encontrar resistência nas coisas”.

⁵² Sobre esse ponto, ver: AUDIER, Serge. *Machiavel, conflit et liberté*. Paris: Vrin/EHESS, 2005. p. 221 e seguintes.

A natureza [...] nos fez todos da mesma forma, e, como parece, na mesma fôrma, a fim de que nos entreconhecêssemos todos como companheiros, ou antes, como irmãos. Não somente ela nos figurou em um mesmo modelo a fim de que nos pudêssemos mirar e quase nos reconhecer um no outro, mas ela nos deu a todos esse grande presente da voz e da palavra para que nos ligássemos e fraternizássemos mais ainda⁵³.

O jogo de olhares é aqui significativo: na cadeia da servidão, os indivíduos não se veem na horizontal. Com a cabeça voltada para o alto, seus olhares permanecem verticais. Privados de confiança e de segurança, cada um instrumentaliza o outro em uma simetria desigual generalizada. Na amizade política, ao contrário, eles se veem uns aos outros, se conhecem, se entreconhecem e se reconhecem. Em um mundo social humanizado pela intersubjetividade, pela confiança, pela estima e pelo respeito, encontram plenamente seu lugar⁵⁴.

É aqui, precisamente, que intervém a expressão singular de La Boétie: “a natureza não queria tanto nos fazer todos unidos, mas todos uns”⁵⁵. Lefort se deteve nela muitas vezes, para dela tirar os desafios para a compreensão do totalitarismo, assim como, ao contrário, da República⁵⁶. O “todos uns” descreve um coletivo individuado e não fusional, nos antípodas da ficção de uma comunidade orgânica que abole a singularidade dos seres. Em sentido inverso, a imagem totalitária do Povo Um, assim como a representação da integridade do corpo que a acompanha, não podem senão expulsar a alteridade para fora, para a estraneidade. Os regimes totalitários denegam os conflitos políticos

⁵³ LA BOÉTIE, Étienne de. *Le discours de la servitude volontaire*. Saint-Denis: Éditions Bouchène, 2015. p. 118-119.

⁵⁴ Que constituem as três dimensões do reconhecimento segundo HONNETH, Axel. *La lutte pour la reconnaissance*. Paris: Cerf, 2001. Cap. 5.

⁵⁵ LA BOÉTIE, Étienne de. *Le discours de la servitude volontaire*. Saint-Denis: Éditions Bouchène, 2015. p. 119.

⁵⁶ Ninguém esclareceu melhor a verdade da República do que aquele que declarava: “A natureza nos fez não tanto unidos, mas todos uns”, em LEFORT, Claude. *Foyer du républicanisme*. In: _____. *Écrire: à l'épreuve du politique*. Paris: Calmann-Lévy, 1992, p. 200 [Nota para o título em francês: “retificamos o erro de impressão do editor substituindo ‘un’ por ‘uns’.”].

no corpo. Se há conflito, e isso é inevitável, ele não pode senão opor a integridade do corpo à sua exterioridade pensada em termos de ameaça, sujeira ou contaminação⁵⁷. Sua prática é indissociável da produção de *inimigos* (interiores ou exteriores), frequentemente reunificados sob os traços de complôs improváveis.

O esquema da amizade política certamente não abre uma teoria do conflito ou da divisão, mas também não a exclui de modo algum. A comunidade política do “todos Uns” opõe-se à dominação⁵⁸, mas repousa sobre a pluralidade⁵⁹ e a intersubjetividade, potencialmente conflituosas. Eis o motivo pelo qual Lefort faz sobressair do texto de La Boétie o tema da “comunicação”⁶⁰, que o totalitarismo se empenha precisamente em liquidar ao mesmo tempo que o conflito. Supressão do pluralismo político, da liberdade de associação e de expressão, monopólio da produção do saber e da arte, discursos estereotipados..., todos os elementos que, segundo Hannah Arendt, participam do isolamento, mas sobretudo da *desolação*. Ao fazer desta última a “*essência* do regime totalitário”, Arendt evoca, aliás, em várias ocasiões, a “graça redentora da amizade”, ao mesmo tempo que explica: “O que torna a desolação tão intolerável é

⁵⁷ “A campanha contra os inimigos do povo se vê colocada sob o signo da profilaxia social: a integridade do corpo depende da eliminação dos parasitas”, em LEFORT, Claude. *La logique totalitaire*. In: _____. *L'invention démocratique: les limites de la domination totalitaire*. Paris: Fayard, 1983. p. 105.

⁵⁸ Daí vem o interesse de Miguel Abensour em “Philosophie politique critique et émancipation?”, publicado em *Politique et Sociétés*, n. 3, p. 133, 2003. (*Le retour de la philosophie politique en France*, número dirigido por Gilles Labelle e Daniel Tanguay). Ver também o diálogo com Michel Enaudeau e Miguel Abensour em *La communauté politique des “tous uns”*: désir de liberté, désir d'utopie. Paris: Les Belles Lettres, 2014.

⁵⁹ Observar que em La Boétie, assim como mais tarde em Hannah Arendt, “a liberdade é indissociável da pluralidade humana”. Miguel Abensour fala de “separação ligante” em ENAUEAU, Michel; ABENSOUR, Miguel. *La communauté politique des “tous uns”*: désir de liberté, désir d'utopie. Paris: Les Belles Lettres, 2014. p. 108.

⁶⁰ Ver em LEFORT, Claude. *Le nom d'un*. In: LA BOÉTIE, Étienne de. *Discours de la servitude volontaire*. Paris: Payot, 1976. p. 271: “[...] afirmar que o destino dos homens não é o de ser todos unidos, mas todos uns, é remeter a relação social à comunicação e à expressão recíproca dos agentes, acolher, por princípio, a diferença entre um e outro, fazer compreender que ela não é redutível a não ser no imaginário [...]”.

a perda do eu, que, se pode ter realidade na solidão, não pode, contudo, ser confirmado em sua identidade a não ser pela companhia confiante e digna de meus iguais”⁶¹.

“Dizemos ‘todos uns’ e, a despeito do plural, nós ouvimos: Todos um”, ressalta Lefort⁶². Lapso auditivo notável, que faz eco ao longo desconhecimento do questionamento de La Boétie que se perpetua até mesmo na seleção de textos... de Lefort, cujo editor retifica a invenção de La Boétie para escrever “todos um”⁶³. Tudo se passa como se não fosse evidente pensar o coletivo sem renunciar aos indivíduos ou conjugar o princípio da unidade política e o princípio de individuação⁶⁴.

Desejo de servidão e democracia

Qual é o alcance heurístico do esquema de dominação descoberto por La Boétie e relido por Lefort no momento pós-totalitário que é o nosso?

Poder-se-ia, prosaicamente, afirmar que sua pertinência não é algo esgotado em uma paisagem de recomposição política cujas significações ainda precisam ser assinaladas: pensamos nos diversos nacional-populismos que reativam tanto a lógica dos povos contra a

⁶¹ ARENDT, Hannah. *Les origines du totalitarisme*. Paris: Gallimard, 2002. p. 835-836.

⁶² LEFORT, Claude. Le nom d'un. In: LA BOÉTIE, Étienne de. *Discours de la servitude volontaire*. Paris: Payot, 1976. p. 272.

⁶³ LEFORT, Claude. Foyer du républicanisme. In: _____. *Écrire: à l'épreuve du politique*. Paris: Calmann-Lévy, 1992. p. 200. Até mesmo Pierre Leroux, ao citar La Boétie, omite o plural: “A natureza mostrou em todas as coisas que ela não queria tanto nos fazer todos unidos, mas todos Um”, ver “Le Contr'un d'Étienne de la Boétie” (1847), em LA BOÉTIE, Étienne de. *Le discours de la servitude volontaire*. Saint-Denis: Éditions Bouchène, 2015. p. 48. Em uma das edições recentes do *Discurso*, lemos que a natureza “mostrou em todas as coisas que não nos queria somente unidos, mas tais como um só ser”; ver LA BOÉTIE, Étienne de. *Discours de la servitude volontaire*. Paris: Mille et une nuits, 1995. p. 17. Tradução em francês moderno e posfácio de S. Auffret.

⁶⁴ Sem o qual nenhuma convivialidade democrática seria pensável. Ver “Manifeste convivialiste” (2013), reproduzido em CAILLE, Alain. *Le convivialisme en dix questions: Un nouvel imaginaire politique*. Paris: Le Bord de l'Eau, 2015. p. 130.

democracia⁶⁵ quanto o fantasma da identidade substancial do Povo-Umnas eleições que levam ao poder líderes tais como Trump, Putin, Erdogan, Orbán ou Kaczynski⁶⁶.

Contudo, mais profundamente, para julgar o alcance heurístico do paradigma de La Boétie, é preferível partir de novo da análise histórica do totalitarismo que retoma corpo “a partir da democracia e contra ela”⁶⁷. Se, como escreve Lefort, “La Boétie descobre um modo de estruturação das relações sociais tal que, para retomar a fórmula de Soljenítsin, o povo consegue chegar a ser seu próprio inimigo”⁶⁸, nenhuma compreensão séria da democracia poderia fazer economia disso. A questão que toma forma aqui não pode ser enunciada a não ser sobre os escombros das perspectivas evolucionistas que insistem na invocação dos “retornos” da barbárie. Há atavismos, é certo, mas igualmente coisas inéditas e invenções. Então, a questão não é tanto saber por que ainda existe a servidão voluntária, mas em que essas novas figuras renascem do interior da modernidade democrática. Ela tem como objeto exatamente as reversões da liberdade em servidão e é posta por Claude Lefort tanto a partir da leitura de Tocqueville⁶⁹ quanto da de La Boétie⁷⁰.

⁶⁵ HERMET, Guy. *Le peuple contre la démocratie*. Paris: Fayard, 1989.; MUNK, Yascha. *Le peuple contre la démocratie*. Paris: Éd. de l'Observatoire, 2018. Em sua leitura dos mitos populistas, Pierre Birnbaum recorre a La Boétie. Ver BIRNBAUM, Pierre. *Le peuple et les gros: histoire d'un mythe*. Paris: Pluriel, 1995. p. 179.

⁶⁶ Nesse contexto, o Instituto de Filosofia e de Sociologia (IFID-PAN) de Varsóvia organizou uma jornada de estudo franco-polonesa sobre a servidão voluntária no dia 21 de junho de 2017. Foi também em Varsóvia que Claude Lefort havia dado uma conferência sobre “A crença política. A questão da servidão voluntária” (1996). Ver LEFORT, Claude. *Le temps présent: écrits (1945-2000)*. Paris: Éditions Belin, 2000. p. 893 e seguintes.

⁶⁷ LEFORT, Claude. L'image du corps et le totalitarisme. In: _____. *L'invention démocratique: les limites de la domination totalitaire*. Paris: Fayard, 1983. p. 183.

⁶⁸ LEFORT, Claude. *La complication: retour sur le communisme*. Paris: Fayard, 1999. p. 227.

⁶⁹ LEFORT, Claude. Foyer du républicanisme. In: _____. *Écrire: à l'épreuve du politique*. Paris: Calmann-Lévy, 1992. p. 66.

⁷⁰ “O enigma que La Boétie procura sondar é o da reversão da liberdade em servidão”, ver LEFORT, Claude. *La croyance en politique. La question de la servitude volontaire*. In: _____. *Le temps présent: écrits (1945-2000)*. Paris: Éditions Belin, 2000. p. 900.

Sobre esse ponto, é importante sublinhar que o *Discurso* nunca afirma que os homens se sujeitam por natureza. É precisamente porque a servidão voluntária designa um “fato político contra a natureza” que ela suscita o escândalo de La Boétie, cujo eco se faz em Lefort quando ele se refere ao “conceito inconcebível forjado pelo acoplamento de palavras que repugnam à língua”⁷¹. Esse desgosto, que encontramos tão frequentemente nos textos do século XX que tratam do fascínio pelas tiranias modernas, não é a expressão de uma inclinação humana ligada à indeterminação essencial do mundo humano? Sobre o fundo de tal antropologia a renúncia à liberdade não aparece como a expressão de uma inclinação humana, mas, ao contrário, como uma desnaturação. La Boétie o enuncia claramente, em uma passagem já citada. Logo, não é senão sobre o fundo de uma antropologia humanista – o homem como liberdade e como responsabilidade – que a questão da servidão voluntária pôde ser problematizada. Sob essa forma, nós a reencontramos desde Pico della Mirandola a Rousseau e Kant. Pensada como “mau encontro”, a servidão voluntária escapa à necessidade. Não dependendo de um invariante antropológico, ela incita “a dimensão social do desejo humano”⁷². Quais são, então, as condições (políticas, culturais, socais...) do desejo de servidão?

Levando em conta a amplitude de uma questão como essa, nós nos limitaremos a traçar algumas perspectivas a partir exclusivamente do problema das *crenças*, introduzido por Lefort em várias ocasiões. No ponto de partida, deve-se observar que La Boétie “rompe, assim como Maquiavel, com o discurso político cristão”⁷³. Humanista da primeira vaga da modernidade, sua interrogação pressupõe que a legitimidade do poder não é evidente, que nenhuma autoridade pode se prevalecer de Deus ou de um fundamento absoluto no seio de um sistema hierárquico⁷⁴. É apenas a partir do interior do processo de saída do teológico-político

⁷¹ LEFORT, Claude. Le nom d'un. In: LA BOÉTIE, Étienne de. *Discours de la servitude volontaire*. Paris: Payot, 1976. p. 247.

⁷² *Ibidem*, p. 266-267.

⁷³ *Ibidem*, p. 260.

⁷⁴ CASSIRER, Ernst. *Le mythe de l'État*. Paris: Gallimard, 1993. p. 189.

que a problemática das reversões da liberdade em servidão pode ser desenvolvida. Daí vem também toda a sua contemporaneidade para todos aqueles que, favoráveis à revolução democrática moderna, experimentam a *dissolução das referências da certeza*⁷⁵. Nos termos de Lefort, com efeito, a sociedade moderna, originada de uma dissociação entre o religioso e o político, “permanece em busca de seu fundamento”⁷⁶.

Em uma primeira aproximação, pode-se identificar no totalitarismo o desejo de escapar da dúvida e da indeterminação pela reativação das crenças absolutizadas (infalibilidade do chefe ou da ideologia erigida em ciência, fundindo ética e estética...), que permitem encontrar “um poder encarnador”⁷⁷. Tal perspectiva contribui decisivamente para a compreensão dos fanatismos “modernos”, cujas crenças vão do vazio ao pleno. Com efeito, contrariamente ao paradigma voltairiano, as crenças fanáticas na modernidade renascem da dúvida – sem dúvida também do desespero⁷⁸ – e recompõem certezas totalizantes, dessa vez a partir da base da consciência histórica e mais amplamente do desencantamento do mundo, constitutivos da democracia⁷⁹. São fenômenos paradoxais – híbridos de crenças na descrença ou de religiosidade na política – que os contemporâneos, principalmente no período após o entreguerras, designaram por expressões elas mesmas paradoxais ou irônicas tais como *religiões seculares, religiões políticas, religiões profanas...* Não

⁷⁵ Ver, por exemplo, “La question de la démocratie” (1983) em: LEFORT, Claude. *Essais sur le politique: XIXe-XXe siècles*. Paris: Points, 2001. p. 30.

⁷⁶ Ver “Permanence du théologico-politique?” (1981) em: LEFORT, Claude. *Essais sur le politique: XIXe-XXe siècles*. Paris: Points, 2001. p. 296.

⁷⁷ Ver “Démocratie et avènement d'un 'lieu vide'”. In: _____. *Le temps présent: écrits (1945-2000)*. Paris: Éditions Belin, 2000. p. 468.

⁷⁸ *Ibidem*. Sobre esse ponto, ver Albert Camus, em *Letres à un ami allemand* (Paris, Gallimard, 1948), assim como a notável observação de seu mestre, Jean Grenier, em 1936: “é um traço espantoso dos dez últimos anos que a brusca passagem de uma dúvida absoluta a uma fé total, e, paralelamente, de um desespero sem limites a uma esperança igualmente sem limites”. Cf. GRENIER, Jean. *Essai sur l'esprit d'orthodoxie*. Paris: Gallimard, 1961. p. 27.

⁷⁹ Argumentamos sobre esse ponto em ZAWADZKI, Paul. La démocratie et les croyances dogmatiques. *Revue du Mauss*, n. 49, 2017. Disponível em: <http://www.revuedumauss.com.fr/media/P49.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2020.

há dúvida de que Lefort foi igualmente sensível à hibridez (moderna/antimoderna) da qual procedia o totalitarismo⁸⁰.

De modo mais fino, o problema permanece: como restituir, no detalhe da dinâmica histórica, as questões levantadas por Lefort em “Permanência do teológico-político”? Já que o inédito da democracia provém de uma ruptura profunda que parece interditar os retornos puros e simples, como pensar a história das reativações do crer trazidas pelo devir? Daniel Tanguay captou bem esse problema: “O ponto mais delicado e mais difícil a ser assimilado da teoria lefortiana da democracia é que o desaparecimento do horizonte teológico-político na democracia moderna não desemboca em um puro rebatimento da transcendência na imanência”⁸¹.

Para terminar: desejo de servidão ou medo da liberdade?

À margem da teoria política, permanece uma problemática a ser elaborada na perspectiva de hoje. Em um texto tardio, sobre a crença no político, Lefort se detém na questão do medo: “Se a servidão voluntária é sinal de um medo, eu observava, não é o medo da morte física. Não é o medo de uma morte simbólica, o da indeterminação que nos habita, como seres separados, e que está ligado à nossa liberdade?”⁸².

Não poderíamos lembrar as numerosas ressonâncias de tal questão em toda a primeira metade do século XX. Em *La pensée captive*, Czesław Miłosz se perguntava:

⁸⁰ “A modernidade do totalitarismo se designa no fato de que ele combina um ideal radicalmente artificialista com um ideal radicalmente organicista”, em LEFORT, Claude. *La question de la démocratie*. In: _____. LEFORT, Claude. *Essais sur le politique: XIXe-XXe siècles*. Paris: Points, 2001. p. 23. Para fazer uma comparação com a interpretação de Marcel Gauchet, ver ZAWADZKI, Paul. *De l'immuable et du changeant: le devenir des religions séculières chez Marcel Gauchet*. In: ARÈNES, Jacques; CAILLÉ, Alain et al. *L'anthropologie de Marcel Gauchet: analyse et débats*. Paris: Collège des Bernardins, Ed. Lethielleux, 2012.

⁸¹ LEFORT, Claude. *Permanence du théologico-politique?* In: _____. *Essais sur le politique: XIXe-XXe siècles*, Paris: Seuil, 1986.

⁸² LEFORT, Claude. *La croyance en politique. La question de la servitude volontaire*. In: _____. *Le temps présent: écrits (1945-2000)*. Paris: Éditions Belin, 2000. p. 902-903.

Se a ausência de um centro interior no homem não explica o mistério do sucesso da Nova Fé, seu grande atrativo para os intelectuais? A nova fé, ao submeter o homem a uma pressão poderosa, cria esse centro – ou, pelo menos, faz nascer o sentimento de que esse centro existe. O medo diante da liberdade não é nada mais do que o medo diante do vazio⁸³.

Não deveríamos prestar mais atenção aos diversos “escapismos” suscitados pela inquietude, que é a condição dos Modernos? Sobre sua face luminosa, ligada à valorização da dúvida, a inquietude põe o pensamento em movimento, aguça a lucidez e constitui uma salvaguarda contra as certezas fanáticas. Sobre seu lado sombrio e fóbico, como abertura no sentido último, ela expulsa o espírito de nuance e de ambiguidade para alimentar o desejo de escapar da liberdade ou mesmo da realidade, retomando pé sobre dogmatismos quiméricos.

Claude Lefort explorou, principalmente, a experiência comunista, mas seria fácil tomar exemplos dos porões do nazismo. Lembremo-nos das intuições de Weber em sua célebre conferência *A ciência como vocação* (1917), dirigindo-se a estudantes que teriam por volta de 30 anos no momento da tomada do poder por Hitler. Ele detecta neles tanto a tentação de escapar dos “tormentos do homem moderno”⁸⁴ quanto a de se submeter a um chefe. De Jaspers a Cassirer, de Fromm a Arendt⁸⁵,

⁸³ MIŁOSZ, Czesław. *La pensée captive: essai sur les logocraties populaires*. Paris: Gallimard, 1953. p. 121.

⁸⁴ WEBER, Max. *Le métier et la vocation de savant*. In: _____. *Le savant et le politique* (1959). Paris: Librairie Plon, 2002. p. 108. Para tormentos que Weber experiencia ele mesmo, cf. VOEGELIN, Eric. *Hitler et les Allemands*. Paris: Seuil, 2003. p. 281-300.

⁸⁵ JASPERS, Karl. *La situation spirituelle de notre époque*. 2.ed. Paris: Desclée de Brouwer, 1953. p. 197.; ver também JASPERS, Karl. *Philosophie*. Paris: Springer-Verlag, 1986. p. 407.; FROMM, Erich. *Escape from freedom*. New York: H. Holt, 1994.; CASSIRER, Ernst. *Le mythe de l'État*. Paris: Gallimard, 1993. p. 384-390. Hannah Arendt situa, no coração do fenômeno totalitário, a vontade de escapar do real pelo pensamento ideológico. Ela escreve igualmente: “se nós nos referimos a nossa experiência no assunto, podemos constatar que o instinto de submissão, um desejo ardente de deixar-se dirigir e obedecer a um homem forte, tem, na psicologia do homem, um lugar pelo menos tão importante quanto a vontade e o poder e, de um ponto de vista político, pode ser mais”, cf. ARENDT, Hannah. *Sur la violence* (1969).

passando por testemunhos como o de Denis de Rougemont⁸⁶, muitos foram os que se detiveram no estranho desejo de abandonar a liberdade e a responsabilidade na sociedade alemã dos anos 1930.

A leitura de La Boétie por Lefort conduz o homem a examinar a dimensão social do fato "contra a natureza" do desejo de servidão, que desemboca na abolição do sujeito. A questão crucial, então, tem por objeto, de maneira mais precisa, as condições políticas, sociais, econômicas... que fazem surgir o desejo de ser livrado do "medo da divisão", do "desafio do plural", do "enigma da constituição humana da sociedade"⁸⁷. Quais são as patologias da democracia (do vínculo, do sentido, da identidade...) que destroem as condições de possibilidade do sujeito?

Referências

ABENSOUR, Miguel (dir.). *L'esprit des lois sauvages*: Pierre Clastres ou une nouvelle anthropologie politique. Paris: Seuil, 1987.

ABENSOUR, Miguel. Hannah Arendt: la critique du totalitarisme et la servitude volontaire? In: ENRIQUEZ, Eugène (dir.). *Le goût de l'altérité*. Paris: Desclée de Brouwer, 1999.

ABENSOUR, Miguel. Du bon usage de l'hypothèse de la servitude volontaire? In: LABELLE, Gilles. *La Boétie*: prophète de la liberté. Paris: Sens & Tonka, 2018.

In: _____. *Du mensonge à la violence*. Paris: Pocket/Agora, 1994. p. 139. Ela volta ao tema sobre a "fuga da realidade" em seu texto de 1969 sobre Heidegger. ARENDT, Hannah. Martin Heidegger a quatre vingt ans. In: _____. *Vies politiques*. Paris: Gallimard, 1974. p. 319, nota.

⁸⁶ Em ROUGEMONT, Denis. *Journal d'Allemagne*. Paris: Gallimard, 1938. Na "Conclusão", Denis de Rougemont entrevê alguns dos alicerces psíquicos das recomposições modernas das crenças fanáticas: "O único problema prático, sério, urgente e realmente fundamental é o que é colocado pela angústia dos indivíduos *isolados* e o apelo religioso que nasce dessa angústia, mesmo se ela ainda for inconsciente". Retomado em ROUGEMONT, Denis. *Journal d'une époque, 1926-1946*. Paris: Gallimard, 1968. p. 264.

⁸⁷ LEFORT, Claude. Philosophe? In: _____. *Écrire: à l'épreuve du politique*. Paris: Calmann-Lévy, 1992. p. 343.

ABENSOUR, Miguel. Philosophie politique critique et émancipation? *Politique et Sociétés*, n. 3, 2003.

ARENDT, Hannah. Martin Heidegger a quatre vingt ans. In: _____. *Vies politiques*. Paris: Gallimard, 1974.

ARENDT, Hannah. Sur la violence (1969). In: _____. *Du mensonge à la violence*. Paris: Pocket/Agora, 1994.

ARENDT, Hannah. *Les origines du totalitarisme*. Paris: Gallimard, 2002.

ARON, Raymond. *Chroniques de guerre: la France libre, 1940-1945*. Paris: Gallimard, 1990.

AUDIER, Serge. *Machiavel, conflit et liberté*. Paris: Vrin/EHESS, 2005.

BIRNBAUM, Pierre. *Dimension du pouvoir*. Paris: PUF, 1984.

BIRNBAUM, Pierre. *Le peuple et les gros: histoire d'un mythe*. Paris: Pluriel, 1995.

BOULET, Michaël. Claude Lefort, lecteur de La Boétie. In: GERBIER, Laurent (dir.). *Cahiers La Boétie*, Paris: Garnier, n. 3, 2013.

CAILLE, Alain. *Le convivialisme en dix questions: Un nouvel imaginaire politique*, Paris: Le Bord de l'Eau, 2015.

CAMUS, Albert. *Lettres à un ami allemand*. Paris: Gallimard, 1948.

CASSIRER, Ernst. *Le mythe de l'État*. Paris: Gallimard, 1993.

CLASTRES, Pierre. *La société contre l'État*. Paris: Minuit, 1974.

CLASTRES, Pierre. *Entretien avec l'Anti-Mythes*. Paris: Sens & Tonka, 2012.

CLASTRES, Pierre; BIRNBAUM, Pierre. Sobre as origens da dominação política: a propósito de Étienne de la Boétie. *Revue Française de Science Politique*, n. 1, p. 5-21, 1977.

COCULA-VAILLIÈRES, Anne-Marie. *Étienne de La Boétie et le destin du Discours de la servitude volontaire*. Paris: Garnier, 2019.

D'ALLONES, Myriam. Le concept de totalitarisme est-il encore pertinent? *Esprit*, n. 1, jan.-fév. 2019.

DOINA CORNEA DANS LE MIROIR DE LA SECURITATE. *Le Monde*, 8 de outubro de 2002. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/2002/10/08/doina-cornea-dans-le-miroir-de-la-securitate_4258955_1819218.html. Acesso em: 7 dez. 2020.

ENAUDEAU, Michel; ABENSOUR, Miguel. *La communauté politique des "tous uns"*: désir de liberté, désir d'utopie. Paris: Les Belles Lettres, 2014.

ENRIQUEZ, Eugène. *De la horde à l'État*: essai de psychanalyse du lien social. Paris: Gallimard, 1983.

FROMM, Erich. *Escape from freedom*. New York: H. Holt, 1994.

GRENIER, Jean. *Essai sur l'esprit d'orthodoxie*. Paris: Gallimard, 1961.

HABIB, Claude. De la servitude volontaire. Une lecture politique. In: HABIB, Claude; MOUCHARD, Claude (dir.). *La démocratie à l'oeuvre*: autour de Claude Lefort. Paris: Esprit, 1993.

HERMET, Guy. *Le peuple contre la démocratie*. Paris: Fayard, 1989.

HONNETH, Axel. *La lutte pour la reconnaissance*. Paris: Cerf, 2001.

JASPERS, Karl. *La situation spirituelle de notre époque*. 2. ed. Paris: Desclée de Brouwer, 1953.

JASPERS, Karl. *Philosophie*. Paris: Springer-Verlag, 1986.

KULA, Marcin. *Narodowe i rewolucyjne*. Varsovie: Bibl. Więzi / "Aneks", 1991.

LA BOÉTIE, Étienne de. *Discours de la servitude volontaire*. Paris: Payot, 1976.

LA BOÉTIE, Étienne de. *Discours de la servitude volontaire*. Paris: Mille et une nuits, 1995.

LA BOÉTIE, Étienne de. *Le discours de la servitude volontaire*. Saint-Denis: Éditions Bouchène, 2015.

LEFORT, Claude. *Le travail de l'oeuvre Machiavel*. Paris: Gallimard, 1972.

LEFORT, Claude. *Un homme en trop*: réflexions sur l'Archipel du Golulag. Paris: Seuil, 1976.

LEFORT, Claude. Le nom d'un. In: LA BOÉTIE, Étienne de. *Discours de la servitude volontaire*. Paris: Payot, 1976.

LEFORT, Claude. Pierre Clastres. *Libre*, n. 4, 1978.

LEFORT, Claude. De la démocratie: entretien avec Gérard Rabinovich. *Traces*, n. 7, 1983.

LEFORT, Claude. Philosophe? In: _____. *Écrire: à l'épreuve du politique*. Paris: Calmann-Lévy, 1992.

LEFORT, Claude. Le corps interposé. 1984 de George Orwell. In: _____. *Écrire: à l'épreuve du politique*. Paris: Calmann-Lévy, 1992.

LEFORT, Claude. Foyer du républicanisme. In: _____. *Écrire: à l'épreuve du politique*. Paris: Calmann-Lévy, 1992.

LEFORT, Claude. *La complication*: retour sur le communisme. Paris: Fayard, 1999.

LEFORT, Claude. L'image du corps et le totalitarisme. In: _____. *L'invention démocratique*: les limites de la domination totalitaire. Paris: Fayard, 1983.

Essais sur le politique: XIXe-XXe siècles. Paris: Points, 2001.

LEFORT, Claude. La question de la démocratie. In: _____. LEFORT, Claude. *Essais sur le politique*: XIXe-XXe siècles. Paris: Points, 2001.

LEFORT, Claude. Permanence du théologico-politique? In: _____. LEFORT, Claude. *Essais sur le politique*: XIXe-XXe siècles. Paris: Points, 2001.

LEFORT, Claude. La croyance en politique. La question de la servitude volontaire. In: _____. *Le temps présent*: écrits (1945-2000). Paris: Éditions Belin, 2000.

LEFORT, Claude. La dissolution des repères et l'enjeu démocratique. In: _____. *Le temps présent*: écrits (1945-2000). Paris: Éditions Belin, 2000.

LEFORT, Claude. Le refus de penser le totalitarisme. In: _____. *Le temps présent: écrits (1945-2000)*. Paris: Éditions Belin, 2000.

LEFORT, Claude. *Les formes de l'histoire: essais d'anthropologie politique*. Paris: Gallimard, 2000.

LEFORT, Claude. Société "sans histoire" et historicité. In: _____. *Les formes de l'histoire: essais d'anthropologie politique*. Paris: Gallimard, 2000.

MAGNIEN, Michel. *Bibliographie des écrivains français: Étienne de la Boétie*. Paris: Éd. Memini, CNRS, 1987.

MIŁOSZ, Czesław. *La pensée captive: essai sur les logocraties populaires*. Paris: Gallimard, 1953.

MUNK, Yascha. *Le peuple contre la démocratie*. Paris: Éd. de l'Observatoire, 2018.

OZOUF, Mona. Le chemin de ronde de Claude Lefort. *Le Nouvel Observateur*, 11-17 juil. 1986.

QUINET, Edgar. *La Révolution*. Paris: Belin, 2009 (1987).

ROUGEMONT, Denis. *Journal d'Allemagne*. Paris: Gallimard, 1938.

ROUGEMONT, Denis. *Journal d'une époque, 1926-1946*. Paris: Gallimard, 1968.

VOEGELIN, Eric. *Hitler et les Allemands*. Paris: Seuil, 2003.

WEBER, Max. Le métier et la vocation de savant. In: _____. *Le savant et le politique (1959)*. Paris: Librairie Plon, 2002.

ZARKA, Yves Charles. L'interprétation entre passé et présent. *Le Débat*, n. 96, v. 4, 1997.

ZARKA, Yves Charles. *L'autre voie de la subjectivité*. Paris: Beauchesne, 2000.

ZAWADZKI, Paul. Le fanatisme: sens et métamorphoses. *Raison présente*, n. 212, 2019. Disponible em: <https://www.cairn.info/revue-raison-presente-2019-4-page-65.htm>. Acesso em: 5 dez. 2020.

ZAWADZKI, Paul. La démocratie et les croyances dogmatiques. *Revue du Mauss*, n. 49, 2017. Disponible em: <http://www.revuedumauss.com.fr/media/P49.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2020.

ZAWADZKI, Paul. De l'immuable et du changeant: le devenir des religions séculières chez Marcel Gauchet. *In*: ARÈNES, Jacques; CAILLÉ, Alain et al. *L'anthropologie de Marcel Gauchet: analyse et débats*. Paris: Collège des Bernardins, Ed. Lethielleux, 2012.